

GALERIA DE VELHAS FIGURAS PAULISTAS

~~PAULISTAS DE REZENDE - AUGUSTO CESAR DO NASCIMENTO E
SEUS IRMÃOS - AUGUSTO CESAR - O SOCORRO AOS FEBRENTOS
E AOS ÓRFÃOS DAS EPIDEMIAS DE 1889 E 90.~~

PELÁGIO LOBO

(Publicado no "~~Cerreio Paulistano~~", em
duas séries, nos dias 25 de janeiro e
1º de fevereiro de 1948)

No grupo dos democratas campineiros, pregoeiros da idéia republicana e ativos libertadores de escravos pretos, Augusto César do Nascimento ocupava um posto de especial relevo.

Viera ele de sua terra natal, no Estado do Rio, ainda menino, para São Paulo, depois de passar algum tempo no Rio de Janeiro. Nasceu em Resende, a 29 de agosto de 1847; passou-se, pois, o seu centenário há quase seis meses. Era o mais velho dos cinco filhos do casal de Francisco Nascimento, fluminense, e de d. Ignácia Jardim, de um ramo gaúcho. Feitos os estudos preliminares na terra natal - e Resende era uma cidade culta e próspera, onde tinham sede numerosas famílias de prôl de nossa antiga "nobreza rural" do vale do Paraíba - passou-se para o Rio com o irmão Asdrúbal. Logo depois resolveram ambos instalar-se em São Paulo, atraídos pela notícia da pujança agrícola baseada no café, que já fazia empalidecer a estrela da fortuna do Estado do Rio. Augusto era o mais velho dos irmãos e assumiu uma espécie de tutela de todos eles; aqui deixou Asdrúbal, na atividade do comércio, e instalou-se em Campinas, para ali levando os outros irmãos. Destes, o de nome Alfredo, farmacêutico, instalou-se em Sousa, povoado incipiente da margem do Atibaia, ali casou com uma senhora inglesa e abriu fazenda perto do povoado; Alberto, que era também farmacêutico, com o apoio do irmão, fixou mora-

dia em Campinas, e ali casou com uma irmã do poeta Carlos Ferreira. Um outro irmão, Artur, espírito dado à aventura, seguiu para Minas, ali casou, enviuvou, tornou a casar com uma senhora da família Baeta Neves, gente abastada e poucas vezes aqui apareceu. O 6º irmão, Leopoldo, aqui residiu e teve atuação na política no sul do Estado, meteu-se na revolução custodista, contra o marechal Floriano e deu enorme trabalho a Augusto César e a Francisco Glicério para salvar a pele, naquele biênio agitado de 1893-1894, de paixões políticas extremadas, cujas últimas brasas foram apagadas já no governo civil de Prudente de Moraes. A família dos Nascimento era, como se vê, por essa relação, numerosa e composta só de filhos varões - e aqui se prolongou e desdobrou através de grandes gerações.

Eram homens altos, claros e fortes, belos tipos masculinos, desempenados e simpáticos.

Todos eles, menos Artur, que era um gozador da vida e gostava de correr mundo, sem maiores compromissos e entraves - em São Paulo se fixaram, aqui trabalharam, lutaram, prosperaram e aqui se fizeram prestigiosos, e benquistos, pondo-se a serviço de todas as causas que representassem benefício ou progresso social. Asdrúbal do Nascimento que em São Paulo desfrutou, durante largo tempo, um prestígio social e político dos maiores, e acabou Conde papalino, era o mais conhecido da irmandade; Augusto era, porém, não apenas pela idade, mas pelo ascendente que tinha sobre os irmãos, o mais acatado deles. Seus nomes entraram na vida de São Paulo no período que precedeu a República pois aqui se agitaram, formando no grupo dos nossos maiores propagandistas. E é muito provável que, da risonha cidade que lhes foi berço, só guardassem fulgazes e enevoadas recordações. As recordações melhores de suas vidas, em particular, no que concerne a Augusto César, essas andavam ligadas à propaganda republicana no seu quartel general de Campinas e em muitos trabalhos e atividades que impuseram o seu nome à gratidão

popular, entre os grandes titulares da benemerência pública daquele município.

ooo

Conheci Augusto César quando ele já era um homem maduro, que beirava os 50 anos. Residiu em Campinas desde 1870 até 1898, em casa vizinha à antiga casa de minha família. Era um homem alto, magro, com barbas em bico, não muito espessas, mas longas. Conheci essas barbas quando pretas e vim revê-las quando brancas, no último período de vida do grande cidadão: tinha ele aparência de um D. Quixote, que Gustavo Doré pintou com o olhar sonhador e fantasista, absorto em idéias abnegadas e heróicas. Parece mesmo, que o tipo físico completava, no propagandista republicano, sua semelhança com a figura moral, e sonhadora do herói manchego.

Não era formado, mas tinha cultura media de boa consistência. Aprimorou, em Campinas, os conhecimentos de curso secundário e as habilitações de guarda-livros que trouxera e enriqueceu, com leituras e a frequência das rodas da "Gazeta de Campinas", que era um ponto de concentração de altos e nobres espíritos, a sua cultura literária e política. O jornal ali fundado por Azevedo Marques, Chico Quirino, João Quirino e José Maria Lisboa era uma escola e todos quantos a frequentavam, por hábito ou de passagem, aprendiam sempre alguma coisa, entravam na intimidade dos melhores vultos da propaganda e, quando necessário, eram chamados a prestar algum serviço. Augusto César entrou na mesma categoria de servidores do jornal ao lado de Leopoldo Amaral e do poeta Carlos Ferreira.

O poeta das "Rosas Loucas", contemporâneo de Castro Alves, acabou sendo o ultimo redator da "Gazeta de Campinas", quando após a morte de Quirino e a proclamação da Republica, aquela grande trincheira avançada da propaganda começara a estio-

(cont.)

lar, por lhe faltar a seiva do grupo aguerrido que a conduzira e o proprio objeto das suas campanhas.

Augusto César casou em Campinas com uma senhora da familia Roxo. Em seus dias de rapaz e de solteiro fôra dado a representações e recitativos, num grupo ^{de} amadores locais, que Rafael Duarte recordou em páginas saudosas na sua "Campinas de outra". O teatro S. Carlos tinha sido fundado na cidade, para assegurar a vinda de boas companhias dramáticas e de comédias, quase sempre portuguesas. E a existência do teatro, com instalações, que, para a época eram consideradas excelentes, estimulou os jovens com pendores artísticos e representações dramáticas, arrojadadas e veementes, ao sabor da época.

Eram dramalhões tremendos, em que os soluços das viúvas se entremeciam com as declarações de amor, arrebatadas e palavrosas, entre o galã, que era o nosso Augusto César, e a pretendida noiva artista. Nessas peças havia choques violentos entre o candidato à moça e o pai da dita, planos de raptos, esboços de vinganças sanguinárias e a intervenção final, suasória e convincente de um tio padre. Só não havia, como nos filmes de hoje, beijos dados no palco, nem mesmo essas beijócas furtivas e incolores que não podem interessar a um galã arrebatado que se preze do seu papel.

Poucos meses antes de morrer, quando gravemente enfermo, e num dia propício em que sentia o espírito claro e boa disposição, recordou-me ele as complicações de um desses espetáculos de caridade em que trabalhara com os companheiros da "Boêmia Dramática Campineira", uma peça patriótica intitulada "A expulsão dos holandeses", em que ele figurou ao lado de Joaquim Quirino Simões, Manuel Cardoso Junior e outros. O grupo de amadores, com aquele sucesso inicial, foi logo reforçado por Urbano Azevedo, José Paulino Nogueira, Oscar Leite de Barros, Gabriel Couto, Flaminio Maurício e mais alguns "artistas" que, com o andar dos tempos, se fizeram cidadãos conspícuos. Lembrava-se ele,

gozando as impressões daquela narrativa, que o 1º ato do drama se passava a bordo de um navio, que alguns carpinteiros de Campinas armaram no palco, sobre gonzos que davam oscilação ao "buque"; a coisa foi feita com tanta verdade, que dois jovens atores e uma atriz contratada para completar o elenco, sofreram de enjôo e largaram do navio para vomitar em terra... Numa repetição dessa festa, a favor de uma instituição beneficente, e com programa novo, recitou ele, em cena aberta, uma poesia de Pinheiro Chagas, "O opulento". Esse adorável velho, que já contava 86 anos quando o visitei pela ultima vez, ainda se lembrava do recitativo e dos comparsas que colaboraram naqueles dramalhões.

o o o

Iniciou sua vida comercial em Campinas como guarda-livros da casa de Santos & Irmão, estabelecimento comercial fundado por Bento Quirino dos Santos e seu irmão Antônio. Foram anos prósperos, e mais prósperos ainda quando a firma ampliou sua atividade pela admissão de José Paulino Nogueira, passando então a girar sob a razão, Santos, Irmão & Nogueira. Além do guarda-livros recebeu a sociedade a colaboração de outros empregados que viriam, com o tempo, a ser sócios da casa, José Maximiano Pereira Bueno e Maximiano de Camargo. Se a atividade da casa comercial se restringisse a negócios de ferragens e a movimento de dinheiro - pois as casas comerciais de então eram verdadeiros bancos dos clientes lavradores - não teria na vida de São Paulo maior significação. Mas o fato é que aquele grupo de associados projetou a sua atividade para outros quadrantes da vida do município e da antiga Província, por serem todos republicanos e adeptos da emancipação dos escravos. A propaganda republicana, como é hoje sabido, não fazia da emancipação ponto vital do seu programa; havia republicanos contrários à libera-

ção pura e simples, como havia liberais e, mesmo, conservadores, propensos a admiti-la, chegando alguns deles a antecipar-se na adoção do trabalho livre.

Mas o bloco da "loja" de Bento Quirino era francamente abolicionista. Mais do que isso, valentemente, atrevidamente partidário da libertação imediata, e em massa. E, para provocá-la ou antecipá-la, estimulava os seus caifazes que promoviam o levante da negrada das fazendas e a sua fuga em massa, para abrigos certos na cidade, o transporte para São Paulo e o destino definitivo do Jabaquara, em Santos, no qual, por tácita convenção que a polícia respeitava - todo negro que ali caía era fôrro.

Augusto César, sem embargo de chefe de família, entrou nessa campanha e nela empenhou suas excelentes qualidades: era hábil, jeitoso, arguto e sabia conduzir seus homens. Gostava muito de indumentária vistosa e fardamento : por isso aproveitou a admissão a uma das "lojas" maçônicas, que eram centros eficientes de libertação, e numa delas, com Bento Quirino, chegou a altos postos. Era conhecido em Campinas o seu retrato com o fardão maçônico, gr. 33, com o triângulo dependurado e o olho da Providência no dentro. A figura do "venerável" mais venerável ainda se tornava com o ornamento das barbas e a atitude erecta do retratado.

Não foi, porém, só na campanha abolicionista que Augusto César trabalhou com denodo. Sua atividade se redobrou mais tarde quando irromperam em Campinas os primeiros casos de febre amarela, nas epidemias de 88, 89 e 90, que devastaram a cidade, abateram o seu prestígio, reduziram a menos de metade sua população e provocara a fuga e a mudança, para outras terras, de famílias inteiras, das demais prósperas e folgada situação. Do trabalho de Augusto César nesses anos lúgubres e de outras atividades que o apontaram ao reconhecimento público, falarei no próximo artigo.

A evocação das figuras paulistas - paulistas de nascimento ou de adoção - que exerceram tão benéfica atividade em Campinas, nos últimos anos da Monarquia e nos primeiros da República, tem-me levado a rever e examinar documentos e correspondência trocada entre esses antigos correligionários que faziam centro na casa Santos Irmão & Nogueira, na Loja de Eloi Cerqueira e no escritório de Francisco Glicério - e é com crescente admiração que releio muitas dessas cartas, trocadas entre os velhos amigos na época tormentosa da epidemia de febre amarela, em 1889.

Os meses de fevereiro a abril, aquela cidade, conhecida pela opulência de sua gente e pelo arrojo dos seus cometimentos, assim como pela cultura cívica da sua população, foram meses de verdadeira calamidade pública. Tenho à mão e vou percorrendo, para delas colher dados preciosos e informações de maior interesse, mais de uma dúzia de cartas enviadas a Francisco Glicério, então em São Paulo, por Bento Quirino, José Paulino Nogueira, Augusto César do Nascimento e José Maximiano Pereira Bueno, todas elas sobre a situação angustiosa da cidade e as providências que aquele grupo abnegado, que era o núcleo mais eficiente de trabalhos de socorro à população pobre ou desarvorada, ali estava realizando, com sacrifícios constantes e com permanente risco de suas vidas.

Augusto César era guarda-livros de Santos Irmão & Nogueira; era, pois, empregado da casa, mas a solidariedade que os unia era absoluta e a calamidade da epidemia, que não distinguia patrões e empregados, nem ricos de pobres, parecendo, mesmo, colher com o seu alfange simbólico algumas figuras de maior evidência social, tornava mais estreitos esses liames.

Numa dessas cartas, Augusto César dava a Glicério três más notícias - as de que Bento Quirino estava "doente" (e bem se compreendia que doença era), um irmão de José Bueno, desenganado e José Paulino que, além de sócio gerente da firma era o vereador republicano na presidência da Edilidade, por estarem

ausentes ou outros vereadores - também caíra, atacado pela febre. Isso foi em abril de 89. Mas no fim do mês esses doentes se salvaram, a epidemia decresceu, a temperatura baixou e a cidade foi retomando a atividade da vida anterior embora a passas trôpegos. E as comissões de médicos, que formavam dois grupos, continuavam na ativa propaganda de entupimento de fossas às quais se atribuíam as irrupções do "mal amarelo". Para todos esses trabalhos a "loja" continuava a ser o quartel general e o centro de onde partiam decisões e ordens.

Nesse período, Augusto César, que lavara a família para uma fazenda situada em Santa Bárbara, ali acolhendo, além da sua, outras famílias de parentes e amigos (e nesse bloco lá fui eu, então com 1 ano e pouco) assumira a chefia da casa e a direção do serviço. De sua fazenda trazia até gêneros alimentícios para abastecer a população pobre que não podia sair da cidade. Afinal, também ele caiu doente e só após uma quinzena de moléstia grave e um mês de demorada convalescença, pôde voltar à atividade.

A epidemia deixara, porém, na orfandade muitas crianças e era preciso pensar na assistência que se lhes devia. A mortandade fôra grande, pois dias havia em que o cemitério tinha que abrir covas para trinta a quarenta defuntos.

Foi, então que, do Ceará, onde regia a sua diocese, o bispo, d. Joaquim José Vieira, em correspondência trocada com o dr. Pereira Lima, Bento Quirino, Augusto César e vigário João Héry e outros amigos, sugeriu a inauguração de um asilo de orfãs, anexo à Santa Casa de Misericórdia de que ele fôra o fundador. Foi Augusto Cesar quem mais trabalhou na realização dessa idéia.

Planejou, então, uma festa para angariar donativos destinados às orfãs da epidemia. E, no unico jardim existente então na cidade, fronteiro à sua residencia, jardim por ele aberto com a colaboração do botânico Corrêa de Melo, promoveu uma "quer-

messe" e nela arrecadou larga soma de dinheiro. Muitos o secundaram nesse trabalho; foi ele, porém, o grande motor que pôs em atividade as diversas comissões, converteu sua casa em sede da chafia e sua família em centro dessa atividade. Uma poliantéia então organizada pelos jornalistas locais e na qual colaboraram Henrique de Barcelos, Alfredo Pujol, José Lobo, Vieira Bueno, João Egídio, A. da Costa Carvalho, e todos os médicos, advogados e escritores convocados ao trabalho comum, deu de Augusto César um retrato de poucas linhas (a "Poliantéia" não aceitava artigos de mais de 20 linhas, nem "retratos" com mais de 10) : "Presidente da Comissão, Primus, prima, primum. Um primor de presidente. Trabalha com a cabeça, com os olhos, com as mãos... e até com o cavanhaque. Foi o herói da "quermesse", a alma mater dessa bela festa de caridade".

Desde 1881 já se chamava Augusto César a rua fronteira à casa em que ele residia. O nome ainda hoje se conserva numa parte pequena da rua. Esse nome não foi dado por injunções políticas: Augusto César era republicano e a Câmara Municipal de 1881 era monarquista conservadora, presidida por Antonio Egídio de Sousa Aranha, embora orientada, nos seus melhores passos e providencias, pelo bloco dos 3 vereadores republicanos da minoria que eram - Salvador Penteado, Francisco Glicério e Elias A. do Amaral Sousa. Houve, porém, representação dirigida à Edilidade pelo que deu esta à rua o nome do moço de 34 anos, modesto guardalivros, republicano militante, decisão excepcionalíssima, que atestava o já grande conceito público do homenageado.

Nos dias que correm, batismo de ruas, estradas, edifícios e, até vilas florescentes, com o nome de sujeitos transitariamente no posto de cargos públicos, é coisa sedição. Mas, por aquela época, e nos três primeiros decênios da República, a natural circunspeção dos homens públicos não tolerava essas antecipadas zumbaias.

(cont.)

As festas realizadas em setembro de 89 fizeram esquecer as angústias dos primeiros meses do ano. E a proclamação da República, que viria logo após, fecharia o ano entre manifestações de júbilo popular, corroborando o dito corrente de que é mais fácil esquecer a desgraça na alegria, do que a alegria na desgraça.

Na organização das primeiras administrações municipais, Augusto César tomou parte eficiente, ao lado dos grandes correligionários do partido. Com o golpe ditatorial de 5 de novembro de 1891, desfechado pelo marechal Deodoro e apoiado, em São Paulo, como se sabe, por Américo Brasiliense, Augusto César cerrou fileiras em torno dos chefes Campos Sales e Glicério, contrários àquela quartelada. E na primeira Câmara Municipal que a esse golpe se seguiu, presidida pelo dr. Tomás Alves, foi vereador dos mais eficientes. Continuava ele como guarda-livros da casa Santos Irmãos & Nogueira mas, logo após, assumia a gerência da filial do Banco União de S. Paulo, a convite de Antonio de Lacerda Franco, que era um dos amigos fieis daquele grupo de homens destemidos. Da gerência da filial, em Campinas, passou para a gerência da matriz de S. Paulo : o Banco União era, então, dos mais acreditados do Estado e propunha-se a desenvolver um programa que, só pela incômpreensão dos nossos capitalistas, não pôde ser levado a efeito. Com relações e negócios em Sorocaba, onde o Banco dera apoio à exploração de jazidas de mármore e granito e a outras atividades industriais, Augusto César, após a liquidação do Banco, transferiu sua residência para aquele município e foi ocupar a Coletoria Federal de Votorantim.

Era um fecho de carreira bem modesto o que, então, se oferecia a aquele homem, já sexagenário, com a vida consumida em trabalhos árduos, lutas ininterruptas e realizações de benefício social que só a ele não deram proveito e abastança, mas da qual

(cont.)

as instituições de assistência e de cultura largamente se beneficiaram. Houve, nessa sua atividade, um interregno em que, sem abandonar suas funções normais de ganha-pão, assumiu ele a gestão da cidade de Leme, beneficiando-a largamente com várias obras de benefício social. A população assim beneficiada não esqueceu, como é tão comum, esses favores e, ao festejar o centenário da fundação da primitiva vila, recordou a figura do benfeitor, que ali tem uma praça que relembra o natalício de Augusto César (29 de agosto) e um grupo escolar com o seu nome.

Mas, já então, a família crescera e se dispersara, indo os filhos, assim como as filhas casadas, fixar residência em outras cidades. De Votorantim, regressou Augusto Cesar com a denodada companheira, de quem nunca se apartara, e que foi a sombra vigilante e carinhosa de todas as suas lutas, vitórias ou decepções, e em São Paulo voltou a residir.

Já ultrapassara os oitenta anos. Guardava, porém, o mesmo aspecto físico dos cinquenta quando, em Campinas, empenhara todo o seu vigor, inteligência e abnegação na educação da família, nos agitados passos da propaganda republicana, na educação cívica do povo e no desvelo da assistência aos necessitados, em épocas de calamidade e sofrimento.

Em vários encontros, nas visitas que aqui lhe fiz , nesse seu ultimo quartel da vida, conversei com esse ancião veneravel que não era Augusto apenas no nome, mas na pertinácia dos altos ideais que o inflamaram na mocidade, na gentileza dos gestos, na nobreza das suas apreciações. Entremetia suas interessantes palestras com a rememoração de fatos e pessoas dos seus tempos de moço de homem feito, em Campinas, na intimidade dos velhos cor-religionários dos quais só sabia rever e exaltar as respectivas virtudes. E nessas lembranças narrava passagens jocosas, pois era um ameno conversador. Nunca ouvi de seus labios recriminações e queixas : era um conformado com os altos e baixos da vida e, se vinha à tona uma referência às obras em que colaborara intensamen-

te, só tinha uma conclusão : "Cumprí o meu dever, assim como meus amigos cumpriram os seus. E sinto não ter podido fazer mais."

o o o o o

Percebia-se nele, nesses ultimos anos, o grande tédio de se considerar "sozinho", pois era o ultimo sobrevivente de uma falange da qual os melhores lidadores foram desaparecendo aos poucos, colhidos pela morte. Afinal, faleceu, já com 87 anos, nos últimos dias de setembro de 1934, numa casa modestíssima da rua Helvetia e na mediania, bem vizinha da pobreza, em que, todavia, não sentia desconfortos. Seu nome foi então lembrado, em referências carinhosas, por dois velhos amigos : Lisboa Junior, no "Diario Popular" e Leopoldo Amaral, talvez o seu mais antigo companheiro, em artigo no "Correio Popular", de Campinas.

Morreu pobre, mas de consciência limpa, como sempre vivera, Se não teve tempo, nem preocupações - embora tivesse tido muitos ensejos - de recolher grande fortuna para deixar à família, legou à sua descendência um nome imaculado e uma larga fama de benemerência.

Homens desse padrão moral enriquecem o patrimônio da nossa gente e nos consolam a todos, numa época em que essa espécie de valores parece totalmente votada ao esquecimento e desprezo.

São Paulo, 25-I e 1º-II-1948